

## 6

### **Perguntas básicas do jornalismo – o cruzamento dos dados.**

Uma vez expostos os resultados obtidos cabe agora discuti-los e relacioná-los com alguns dos aspectos teóricos que foram desenvolvidos nos dois primeiros capítulos desta pesquisa.

#### **6.1.**

##### **Quando? – a evolução**

Como foi visto, a televisão chegou ao Brasil em 1950 se apropriando de linguagens de outros meios de comunicação, o que faz com que Santaella a considere um veículo que utiliza uma linguagem híbrida, uma vez que elementos presentes neste veículo estão inseridos nas três matrizes da linguagem e do pensamento. Cinquenta e oito anos depois, é possível afirmar que a televisão passou por diversas etapas até se tornar popular. Começou tímida, era um artigo de luxo e podia ser encontrada em poucos lares. Os avanços tecnológicos propiciaram benefícios aos telespectadores e com certeza a ajudaram com que o eletrodoméstico chegasse a 92% dos lares brasileiros em 2005, segundo dados do IBGE. As novidades nesta área trouxeram a possibilidade de pré-gravar programas, o que fez com que o ao vivo deixasse de ser a única opção; o preto e branco deu lugar as cores; o controle remoto com fio foi substituído pelo sem fio; as televisões se tornaram portáteis e hoje de tão finas, os modelos de LCD e plasma parecem quadros para pendurar nas paredes. O que mostram esses quadros? Imagens, várias imagens em movimento, e aqueles que moram em São Paulo já podem ver com uma bela definição.

A modernidade não trouxe somente melhorias em termos de equipamentos e transmissões. Mas na forma de fazer televisão. Lá na década de 50, era necessário cerca de doze horas para revelar e montar uma reportagem de TV. Essa demora fazia com que os telejornais fossem raros nas grades de programação das emissoras. Hoje, cada emissora da TV aberta exhibe pelo menos três telejornais assim como existem alguns canais que exibem notícias 24 horas na TV fechada. Os slogans usados pelas emissoras ressaltam o imediatismo, a rapidez na transmissão da notícia. Por exemplo: “Globo News, o seu canal de jornalismo 24 horas

no ar” ou “Band News: em vinte minutos tudo pode mudar”. Nas entrelinhas, querem dizer: podem ficar tranquilos que estaremos aqui para levar até vocês, seja a que horas for, o que de mais novo está acontecendo no país e no mundo. Em outras palavras, esses canais estão no ar para divulgar informações, e é grande a disputa para ser a primeira emissora a fornecer o conteúdo ao telespectador.

Percebi nos discursos de alguns entrevistados como eles acham fascinante poder saber, quase que instantaneamente o que está acontecendo do outro lado do mundo. É tão rápido que chega a assustar Adriana. E devido a essa rapidez é a janela para o mundo segundo Tadeu. Para João, é o meio de comunicação mais importante.

## 6.2. Quem? – a TV aberta ou a TV fechada?

Desde o início da década de noventa, os brasileiros passaram a ter mais opções de canais através da TV fechada. Como dito anteriormente, a TV aberta foi bastante criticada. Alguns adjetivos para a programação e para os programas dos canais abertos emergiram a partir dos discursos dos entrevistados: fraco, ridículo, de péssimo nível, repetitivo, sem imaginação, gosto popular, limitado. Para uma programação ser considerada ideal, ela deve ser acessada por todos os grupos sociais através do pluralismo das categorias e tipos de programas. Levei em consideração que todos os meus entrevistados pertencem as classes A e B, e são moradores da cidade do Rio de Janeiro. Logo, percebi a insatisfação destas pessoas em relação ao conteúdo exibido nos canais abertos. Dez entrevistados é uma amostra insignificante para representar essa camada social, porém por se tratar de uma pesquisa qualitativa, o discurso dos participantes é o que importa. Com intuito de ter programas mais cultos, eles recorrem a TV fechada.

Através do site da Associação Brasileira de Televisão por Assinatura ([www.abta.com.br](http://www.abta.com.br)) descobri que em um país de proporções continentais como o nosso, habitado por mais de 169 milhões de pessoas existem apenas 5,2 milhões de assinantes da TV fechada<sup>6</sup>. Isto quer dizer que apenas cerca de 3% da população nacional têm acesso ao serviço. Se comparado ao mesmo período de 2006, o número de assinantes teve um aumento de 15 %. As causas desse crescimento podem ser diversas, mas entre elas com certeza está a insatisfação com o serviço oferecido pelos canais abertos.

O ponto valorizado pelos entrevistados em relação a TV por assinatura é ter os canais divididos por gêneros. Teresa que hoje não tem acesso ao serviço considera a programação aberta variada, porém reclama de estar assistindo a um programa e ao acabar, outro de um gênero completamente diferente começar a ser exibido. O que dificilmente acontece nos canais fechados.

Há aqueles mais radicais que acreditam que por ser uma concessão pública, os canais abertos deveriam se preocupar mais em educar o povo através da televisão.

Curiosidade: o faturamento bruto das operadoras de TV por assinatura no terceiro trimestre de 2007 foi de mais de R\$ 1,7 bilhões.

Fonte:  
<http://www.abta.org.br/site/content/panorama/arquivos/relatoriolevantamentosectorialoperadoras3t2007.pdf>  
Acesso em 23 de fevereiro de 2008 às 13:00.

<sup>6</sup> Dado referente ao terceiro trimestre de 2007, divulgado em janeiro de 2008 no site <http://www.abta.com.br/site/content/panorama/arquivos/relatoriolevantamentosectorialoperadoras3t2007.pdf> Acesso em 23 de fevereiro de 2008 às 12:00.

### 6.3.

#### O que? – os telejornais e as reportagens

Já escutei algumas vezes que as reportagens exibidas nos telejornais são superficiais em comparação com as publicadas na mídia impressa. Essa afirmação apareceu no discurso de Joana, por exemplo. Vale lembrar que conforme foi abordado anteriormente através da citação de Nogueira, as palavras tanto no rádio como na televisão, passam e não voltam mais. Ou seja, uma vez perdida a informação o público não tem como recuperá-la. Isso faz com que o texto para o rádio e para a televisão seja simples e direto. Também deve ser levado em consideração que o espaço destinado aos noticiários na grade de programação das emissoras é relativamente pequeno comparado a quantidade de acontecimentos no mundo.

Porém, é notório para alguns dos entrevistados que cada telejornal apresenta uma característica própria. Ou seja, que o conteúdo editorial de cada um deles é diferente, apesar de todos abordarem o que mais importante acontece no Brasil e no mundo. Para se manter atualizada em diferentes áreas Joana tenta assistir à maior quantidade possível de noticiários. O *Bom Dia Brasil* abre espaço para comentários tanto de economia, com Miriam Leitão, como dos bastidores de Brasília, com Alexandre Garcia. As notícias de esporte no telejornal são passadas aos telespectadores por Tadeu Schimdt. O noticiário é ancorado dos estúdios da Globo no Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília. O *Jornal Hoje* é caracterizado por ser um telejornal-revista onde as reportagens de comportamento ganham destaque. No *Jornal Nacional*, repórteres espalhados em todo o país trazem o que de mais importante acontece na sua região. Podemos ratificar a afirmação de que cada telejornal tem suas características próprias através do depoimento de Arrabal, que diz que o primeiro passo na elaboração dos elementos desenvolvidos pelos profissionais que trabalham na área que ele dirige é entender essas características.

O perfil de cada telejornal determina a linguagem que vai ser utilizada. A partir da aplicação da matriz verbal ao *Jornal Hoje*, trabalho desenvolvido no capítulo dois desta dissertação, cheguei a conclusão que o discurso narrativo está presente nas reportagens dos telejornais e o dissertativo na fala dos comentaristas. Enquanto para os entrevistados as reportagens são superficiais, o mesmo não acontece, segundo eles, nos comentários. Logo, pude perceber a preferência pelo discurso dissertativo, uma vez que há a necessidade de raciocinar e articular as informações e chegar a uma opinião própria. A afirmação de João deixa muito claro a preferência

que ele tem em assistir telejornais onde a opinião, ou seja o discurso dissertativo, aparece com mais frequência. Ele resalta que a questão não é impor uma opinião, mas fazer com que o telespectador construa um raciocínio e possa formar uma opinião sobre o que foi dito.

Assim como cada telejornal possui o seu perfil, cada telespectador tem a sua maneira própria de assistir à TV. Alguns se dedicam exclusivamente a este meio eletrônico, outros desenvolvem atividades paralelas enquanto o aparelho está ligado. Cada telespectador valoriza uma matriz diferente. Vejamos alguns exemplos.

Flavia afirmou que assistir para ela é “sentar, escutar o que está falando e entender”. Neste momento ela não se referiu a importância da imagem no processo de compreensão da informação. O discurso da dona de casa me deu a entender que ela utiliza do verbal oral para absorver o conteúdo. Porém, critica aqueles que na frente da televisão, a deixam ligada e fazem outras atividades como se não estivessem adquirindo qualquer conhecimento. Mas não posso dizer que para ela o rádio é semelhante a televisão, visto que ao saber do atentado terrorista de 11 de setembro nos Estados Unidos pelo rádio, ela optou por acompanhar pela TV. Sem dúvida nenhuma por causa da imagem. Ao ligar a televisão, ela já sabia que pelo menos um avião já havia se chocado com um dos prédios do *World Trade Center*. A imagem transmitida pela televisão deu peso a informação. Neste caso, o impacto causado pelo verbal-oral é inferior do que quando o visual entra em ação. Ao ouvir a informação trágica como esta, as pessoas já ficam chocadas. Ao ver as imagens, esta sensação se intensifica.

No caso de Natália e de Regina que desenvolvem outras atividades durante o seu assistir, é o verbal-oral que as chama atenção para a tela.

No telejornalismo, o visual é o ato comprobatório entre o verbal-oral transmitido pelo apresentador ou repórter e a idéia que está sendo construída pelo telespectador.

#### 6.4.

#### Onde? – os cenários

Os noticiários não são construídos apenas de imagens que representam o real. Ao elaborar um cenário, existe a preocupação de passar alguns conceitos aos telespectadores, mesmo que para isso seja necessário utilizar as formas figurativas. Foi o que aconteceu quando as emissoras optaram por apresentar os telejornais direto da redação. O primeiro a sair do estúdio foi o *Jornal Nacional*.

No dia 26 de abril de 2000, quando a Rede Globo comemorava seus 35 anos, o *Jornal Nacional* sofreu uma completa reformulação. O telejornal deixou o estúdio tradicional para ser apresentado de dentro da redação. A bancada dos apresentadores – totalmente modificada e transformada em área de trabalho dos jornalistas, com um monitor e um computador – foi transferida para um mezanino, construído em uma das extremidades da redação, a três metros de altura do chão. (Memória Globo, 2004, p.293)

Como vimos no capítulo anterior a idéia que se pretendia passar aos telespectadores de que a notícia não pára foi obtida.

Sem dúvida alguma e como foi citado por João, os telejornais brasileiros têm como referência os programas de mesmo gênero exibidos nos Estados Unidos. Muitas idéias americanas foram adotadas por aqui. Uma delas é justamente esta de ter a redação ao fundo. Segundo Arnheim (2004, p.365) “o movimento é a atração mais intensa da atenção”. A questão que norteou os estudos desta dissertação foi justamente tentar descobrir se as pessoas se movendo ao fundo dos apresentadores podiam chamar a atenção do telespectador, de modo que este perdesse a notícia. Ao buscar um referencial teórico para ratificar a análise das entrevistas, tive dificuldade de encontrar trabalhos acadêmicos, periódicos e outras fontes de informação. Durante a pesquisa, deparei-me com uma investigação, desenvolvida pelo *Poynter Institute*<sup>7</sup> nos Estados Unidos, chamado de *Eyetrack*, que tem como objetivo estudar como as pessoas vêem as notícias nos jornais impressos e nos *websites*. O referido instituto ainda não chegou a praticar esta metodologia com o foco que dei nesta dissertação. Porém, o pesquisador Scott Libin me informou, através de um e-mail, que este tipo de cenário não é mais tão utilizado nos Estados Unidos desde que os cenários virtuais

---

<sup>7</sup> [www.poynter.org](http://www.poynter.org) Acesso em 23 de fevereiro de 2008 às 19:00.

conseguiram obter uma boa qualidade de imagem. Conforme a citação abaixo:

*The newsroom sets you describe are not quite as popular in this country as they once were, in my estimation. The more recent trend here has been toward studio environments that showcase more topical graphic material, including animations and video. Advances in technology have made this more effective and affordable, using ever-larger flat-panel TV monitors that are sharp and bright enough to come across clearly when used as part of a news set backdrop. Some newsroom sets remain in use, and virtually all television news organizations have a fixed camera location in the newsroom for use by reporters who contribute to newscasts or by anchors during breaking news and other kinds of coverage. (Libin, 2007)*

Afirmou ainda, que quando esta composição estava em uso era possível perceber uma movimentação sem foco atrás dos apresentadores.

*Whether it is the main location for a newscast's anchors or not, when done correctly, newsroom sets use composition and focal length to control distraction; that is, they include a certain amount of activity in the background, but that activity is somewhat removed physically and out of focus enough not to compete too strongly with the anchors in the foreground. (Libin, 2007)*

O mesmo não ocorre nos telejornais brasileiros. Temos o fundo sempre em foco em todos os telejornais. Porém, para compensar a escolha do enquadramento está sempre relacionada com a seriedade da notícia. Hernandez (2006, 140) afirma que quanto mais fechado um plano, ele transmite mais intensidade, foco e afetividade, ressaltando o apresentador e dissolvendo o fundo.

Na tentativa de obter mais informações sobre o assunto, visto que as publicações sobre o tema eram escassas, entrevistei o designer gráfico Hans Donner. O austríaco começou a desenhar cenários quando foi convidado por José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, junto com os outros profissionais que também trabalhavam com artes gráficas na Rede Globo para participar de uma concorrência. Ganhava uma viagem quase ao redor do mundo quem fizesse o melhor design de cenário para o *Jornal Nacional*. Ele ganhou o concurso, e o cenário foi executado. No início da década de 80, quando começou a cuidar das aberturas do Fantástico foi solicitado por Boni que também projetasse a cenografia do programa.

Eu tinha gravado aquele lago artificial, aquelas coisas e com nuvens que gravamos em high speed, quer dizer, pegamos

eles e depois, aceleramos, aí fizemos algumas cenas na água, onde a mulher saía de dentro da água, aí eu toquei só de leve para ondas suaves passarem e as nuvens passando devagar, isso como cenário atrás do locutor. E aí na hora que isso ficou pronto, o Boni olhou e falou: Hans na hora que tá o locutor falando eu não quero nenhuma pessoa que te admira pelo país inteiro pensando em você. Ele simplesmente falou: o cenário não pode ser o atrativo. O atrativo tem que ser a notícia. Agora presta atenção como está a televisão no mundo inteiro hoje. O tempo todo tem movimento. A filosofia dele de tirar (pausa) eram movimentos suaves quase que imperceptíveis. A onda atrás, ela andava assim super lento. Mas você desviava a atenção. (Donner, 2007)

Os dois profissionais ligados ao design de notícias afirmaram que este tipo de cenário desvia a atenção dos telespectadores da informação. É possível corroborar este pensamento com um fato acontecido em 26 de fevereiro de 1999, quando Fátima Bernardes gravava a chamada do JN direto da redação e era possível ver ao fundo uma pessoa tirando a calça. A emissora recebeu diversas cartas e telefonemas que indagavam o acontecido. A jornalista fez uma reportagem para o *Video Show* esclarecendo que se tratava de um motoqueiro que tirara a calça plástica que o protegia da chuva para não molhar a cadeira (Figura 54).

Porém, não obtive a mesma afirmação nos discursos dos dez participantes. Os entrevistados que prestam atenção no cenário disseram que o observam por poucos instantes e que não perdem o conteúdo da notícia.



Figura 54. Motoqueiro tira a calça durante a chamada do JN.

## A Construção da Imagem no Telejornalismo

.....

Passagem de capítulo

LOC VIVO

E NO ÚLTIMO CAPÍTULO, // O  
RESUMO DO QUE FOI ABORDADO  
NESTA DISSERTAÇÃO. //

RODA VINHETA

SOBE SOM DA VINHETA